

PELAS MINHAS LENTES EU VEJO: A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Jailson de Souza Oliveira¹
Marcelo Macedo de Sousa Filho²
Rebeca Azevedo da Silva³
Venythyais Costa de Oliveira⁴
Tânia Serra Azul Machado Bezerra⁵

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo ressaltar a fotografia como um dos multiletramentos possíveis nas práticas pedagógicas de alfabetização e letramento realizadas em sala de aula, por meio de projetos desenvolvidos pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do núcleo de Alfabetização da Universidade Estadual do Ceará (UECE). As mediações foram desenvolvidas numa turma de 1º ano do Ensino Fundamental de uma instituição pública de ensino na cidade de Fortaleza. A pesquisa utilizou uma metodologia lúdico-investigativa, voltada para a observação e o registro das interações das crianças com o uso de câmeras digitais (Cybershot) como ferramenta de expressão e construção de linguagem. O processo de ensino-aprendizagem foi realizado em vários espaços da escola com a finalidade de explorar ambientes e evidenciar as múltiplas linguagens que permeiam a rotina dos alunos. A fotografia é um dos multiletramentos que são destacados no decorrer das práticas pedagógicas, pois através dela foi possível trabalhar questões curriculares, interdisciplinares e intergeracionais com as crianças. O trabalho tem como referência hooks (2013), que prioriza uma pedagogia verdadeiramente engajada e transformadora da realidade, Freire (1992), que, a partir da Pedagogia da Esperança, podemos observar o olhar das crianças a partir da sua percepção acerca do mundo, dentre outros. Assim, podemos observar a atuação das crianças e a autonomia delas dentro da sua percepção de mundo e de sua realidade ao seu entorno, logo, essas ferramentas, como a fotografia, são importantes instrumentos para a alfabetização e letramento cultural.

Palavras-chave: Fotografia, Alfabetização, Letramento, Linguagens.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), jailson.oliveira@aluno.uece.br;

² Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), macedo.filho@aluno.uece.br;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), azevedo.silva@aluno.uece.br;

⁴ Especialista em Alfabetização pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Supervisora do Programa Institucional de Iniciação à Docência, venythyais.costa@educacao.fortaleza.ce.gov.br;

⁵ Doutora em Educação, Professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Coordenadora do Núcleo de Alfabetização do Programa Institucional de Iniciação à Docência, tania.azul@uece.br



O OLHAR QUE ENSINA

Nos anos iniciais, muitas vivências e experiências que atravessam a vida de diversas crianças agem no papel de compreensão de mundo nessa fase da infância. Entender os efeitos de práticas pedagógicas que refletem sobre a cultura como ferramenta na construção de saberes, é fundamental na transformação de realidades. Ao se tratar da alfabetização e letramento de alunos (as) que evidencia as múltiplas linguagens no fortalecimento e na efetivação do processo de ensino-aprendizagem na aquisição da leitura e escrita dos (as) educandos (as), compreende-se que explorar os multiletramentos nos espaços escolares, é estabelecer metodologias que ampliem as percepções socioculturais e no uso dos sentidos.

Nesse sentido, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no núcleo de Alfabetização, os (as) bolsistas trilharam práticas multiletradas com o intuito de desenvolver com as crianças habilidades na aquisição da leitura e escrita a partir de atividades como a fotografia, trazendo experiências de interação das crianças com o ambiente escolar de forma sensível e estética.

Desse modo, destaca-se o processo formativo das crianças na alfabetização e letramento, tendo em vista que as linguagens fomentam as expressões e os olhares artísticos, reforçando a ideia de Rojo (2012) que afirma que os multiletramentos, nos diversos sentidos, são interativos, colaborativos e plurais. Sendo assim, as práticas pedagógicas que trazem a dimensão da imaginação e da criatividade para os (as) alunos (as), estabelecem comportamentos e pensamentos essenciais para seu desenvolvimento integral.

Com isso, a fotografia tem um papel importante na atuação das crianças ao observar os elementos que compõem os espaços escolares presentes na rotina de cada um, como imagens, textos, paisagens e as diferentes formas de interação desses ambientes. Assim, o registro e a observação das crianças frente ao uso das câmeras digitais, conhecidas como Cybershot, evidenciam a autonomia na construção de narrativas através das percepções de mundo, considerando as vivências que permeiam dentro e fora da escola. Dessa maneira, na perspectiva Vygotskiana, Rego (1995, p. 69) relata que “o aprendizado da linguagem escrita envolve a elaboração de todo um sistema de representação simbólica da realidade”, ressaltando a necessidade de atividades que consideram os multiletramentos no processo de ensino-aprendizagem de alfabetização e letramento.



Contudo, a participação dos (as) educandos (as) acontece de forma ativa, considerando a ludicidade e a dinâmica das atividades que fortalece a interação com os materiais e com o ambiente escolar, destacando os objetivos das práticas pedagógicas.

ENTRE O OLHAR E A PRÁTICA: CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A presente pesquisa, desenvolvida no âmbito do PIBID, no núcleo de Alfabetização, teve como propósito compreender e experimentar o potencial da fotografia como ferramenta pedagógica nos processos de alfabetização e letramento de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A investigação baseou-se em uma abordagem qualitativa, de natureza interventiva e descritiva, uma vez que buscou compreender os significados produzidos pelas crianças em suas interações com o ambiente escolar, por meio de atividades práticas de registro fotográfico.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa permite compreender a realidade social como um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, não se restringindo a dados quantificáveis, mas buscando interpretar as experiências humanas em sua complexidade. Assim, esse tipo de abordagem mostrou-se adequada para captar as percepções e produções das crianças diante do uso da fotografia, entendendo-as como sujeitos ativos na construção do conhecimento e na ressignificação de suas práticas de leitura e escrita.

Inspirada nos pressupostos teóricos de Vygotsky (1995), Freire (1992), Rojo (2012) e hooks (2013), a pesquisa foi orientada pela concepção de que a aprendizagem e a linguagem se constroem de forma social, dialógica, estética e cultural, reconhecendo as múltiplas linguagens como mediadoras na formação do sujeito leitor e escritor.

A atividade empírica foi realizada com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública parceira do programa. O encontro ocorreu na horta escolar, espaço de convivência e aprendizagem escolhido por sua potencialidade em promover observação, diálogo, sensibilidade e pertencimento. Com câmeras digitais do tipo Cybershot, as crianças foram convidadas a explorar o ambiente e registrar fotograficamente elementos da natureza, plantas, flores e frutos, compondo narrativas visuais a partir de seus próprios olhares.

Com o intuito de organizar e apresentar de forma coerente o percurso teórico e prático desta pesquisa, o presente trabalho foi estruturado em quatro partes complementares: O olhar que ensina: seção introdutória que discute o papel das



vivências, das linguagens e da cultura na formação leitora e na construção de saberes na infância; Entre o olhar e a prática: caminhos metodológicos da pesquisa: momento em que são descritos o percurso metodológico, os sujeitos envolvidos e as estratégias utilizadas durante o desenvolvimento da investigação; O primeiro clique e o olhar sensível: a fotografia como prática de letramento: parte dedicada à descrição e análise da experiência pedagógica com o uso da fotografia como recurso alfabetizador e de letramento visual; Entre letras e imagens: seção destinada às considerações finais, nas quais se discutem as aprendizagens, os resultados e as contribuições da fotografia para o processo de alfabetização e letramento das crianças.

Assim, o trabalho propõe uma reflexão sobre como o olhar sensível e a linguagem fotográfica podem se integrar às práticas pedagógicas, ressignificando o processo de alfabetização e ampliando o repertório expressivo e cultural dos(as) educandos(as).

O PRIMEIRO CLIQUE E O OLHAR SENSÍVEL: A FOTOGRAFIA COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO

A mediação realizada com as crianças na horta da escola constituiu-se como um momento rico de articulação entre teoria e prática, no qual elas puderam vivenciar de forma concreta os conhecimentos trabalhados em sala. O espaço da horta, enquanto território educativo, possibilitou múltiplas experiências de leitura do mundo, na perspectiva freireana, ao despertar a curiosidade, o diálogo e a observação crítica sobre o ambiente. As práticas realizadas nesse contexto ampliaram o repertório das crianças, permitindo a construção de sentidos sobre o que leem e escrevem, conectando o aprendizado da linguagem escrita às experiências do cotidiano. Ao registrar o processo por meio da fotografia, as crianças se perceberam como produtoras de conhecimento, reconhecendo a importância de suas vozes e olhares no processo educativo. Assim, a horta escolar revelou-se não apenas um espaço de cultivo de plantas, mas também de cultivo de saberes, imaginação e autoria. Com câmeras digitais (Cybershot) em mãos, as crianças foram convidadas a explorar o espaço e registrar, por meio da fotografia, as diferentes plantações e elementos naturais presentes no ambiente escolar. Essa vivência permitiu observar como a linguagem visual pode se tornar um instrumento potente no processo de alfabetização e letramento, especialmente em contextos onde a leitura e a escrita ainda são desafios para uma parcela significativa dos estudantes.





Fotos tiradas pelas crianças. Acervo digital.



Fotos tiradas pelas crianças. Acervo digital.

O olhar das crianças, mediado pelas fotografias, também proporcionou a elas o primeiro contato com câmeras digitais. Considerando que a maioria dos alunos da

escola pública não possui acesso a esse tipo de equipamento, a atividade representou não apenas um momento de aprendizagem, mas também de inclusão tecnológica e social. O manuseio das câmeras despertou curiosidade e encantamento, transformando a exploração da horta em uma vivência de descoberta e autoria.

Após a atividade, em sala de aula, as falas das crianças evidenciaram o entusiasmo diante da nova experiência. Júlia⁶ expressou com brilho nos olhos: “Foi a primeira vez que fotografei, tio!”, revelando a alegria de poder registrar o mundo a partir do próprio olhar. Essa experiência reforça o que hooks (2013) denomina como uma prática pedagógica libertadora: quando o estudante tem acesso a novas linguagens e meios de expressão, ele se reconhece como sujeito criador e participante ativo do processo educativo.

Durante a realização da atividade, as crianças demonstraram curiosidade e encantamento ao observar detalhes da natureza, relacionando imagem, palavra e significado. Um exemplo marcante foi a fala de João⁷, ao registrar uma das plantas: “A acerola ainda tava verde, mas daqui a pouquinho ela vai ficar vermelha.” Esse comentário revela não apenas a percepção sensível da criança diante da imagem capturada, mas também o desenvolvimento de uma leitura de mundo que antecede e complementa a leitura da palavra, conforme aponta Freire (1992) em sua concepção de alfabetização como prática social e dialógica.

A partir das fotografias produzidas, surgiram diálogos em sala de aula sobre os tipos de plantas, seus ciclos e os cuidados com a natureza, o que ampliou o repertório linguístico e cultural das crianças. Essa relação entre imagem e oralidade reforça a perspectiva dos multiletramentos, conforme Rojo (2012), que reconhece a importância de múltiplas linguagens, visual, verbal e tecnológica na construção do conhecimento e no desenvolvimento da competência comunicativa. Além disso, o uso da fotografia favoreceu o protagonismo infantil e o olhar investigativo sobre o próprio entorno. De acordo com hooks (2013), práticas pedagógicas engajadas e transformadoras emergem quando o sujeito é convidado a olhar criticamente para sua realidade. Nesse sentido, as imagens produzidas pelas crianças revelaram não apenas o que viam, mas como percebiam o mundo, atribuindo sentido ao processo de aprendizagem e fortalecendo o vínculo entre escola, ambiente e vida cotidiana. Ao observar os registros e as falas das

⁶ Os nomes utilizados neste artigo são fictícios, a fim de preservar a identidade das crianças

⁷ Os nomes utilizados neste artigo são fictícios, a fim de preservar a identidade das crianças



crianças, percebe-se que a fotografia se consolidou como uma prática mediadora que instiga o olhar, a escuta e a produção de sentidos. Mais do que um recurso técnico, ela se configurou como uma experiência estética e cognitiva que articulou o sensível e o simbólico, o individual e o coletivo. Essa dinâmica evidencia que a aprendizagem, quando construída a partir da experiência e do diálogo, possibilita múltiplas formas de ler e escrever o mundo, reafirmando o papel da escola como espaço de criação, expressão e descoberta.

ENTRE LETRAS E IMAGENS

Ao final deste percurso investigativo e sensível, é possível afirmar que a fotografia, enquanto linguagem e prática pedagógica, revelou-se uma ferramenta potente no processo de alfabetização e letramento das crianças dos anos iniciais. O olhar fotográfico, mediado pela curiosidade e pela imaginação, permitiu que os(as) educandos(as) se reconhecessem como autores(as) e observadores(as) do próprio mundo, construindo narrativas que entrelaçam imagem, palavra e sentimento.

A experiência vivenciada por meio do PIBID demonstrou que práticas baseadas em diferentes linguagens ampliam as possibilidades de leitura e escrita, valorizando as expressões e as vivências que atravessam o cotidiano das crianças. A fotografia, nesse contexto, não se limitou a ser um recurso tecnológico, mas constituiu-se como uma linguagem expressiva e inclusiva, capaz de promover o diálogo entre o ver, o dizer e o escrever. Compreende-se que o aprendizado se forma nas interações e nas experiências simbólicas, e foi justamente nessa mediação, entre o olhar da criança e o registro fotográfico, que emergiram novas formas de compreender e representar o mundo. A fala, o gesto e a imagem se entrelaçaram, produzindo significados que fortalecem o vínculo entre linguagem e experiência.

A educação que nasce do diálogo e da sensibilidade é transformadora. Ao possibilitar que as crianças olhassem o espaço escolar com novas lentes, o trabalho com a fotografia promoveu uma aprendizagem libertadora — aquela que desperta a autonomia, a criatividade e o pensamento crítico. Nessa perspectiva, alfabetizar e letrar ultrapassa o domínio técnico da leitura e da escrita: significa ler o mundo, interpretá-lo e reinventá-lo a partir da própria experiência.

Assim, pelas lentes das crianças, foi possível enxergar uma escola viva, criadora e plural, onde cada clique expressa um modo singular de compreender a realidade. A fotografia, ao integrar o sensível e o cognitivo, reafirma seu papel como ferramenta de



inclusão, expressão e descoberta, revelando que aprender é também um ato de olhar — e ensinar é, sobretudo, um exercício de escuta, partilha e afeto.

Dessa forma, entre letras e imagens, o processo de alfabetização se renova, tornando-se mais humano, significativo e poético. O olhar que ensina e o olhar que aprende se encontram no mesmo gesto: o de enxergar no cotidiano a possibilidade de criar, de ler e de transformar o mundo.



REFERÊNCIAS

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

hooks, b. (2013). **Ensinando a transgredir:** A educação como prática da liberdade.

Freire, P. (1992). **Pedagogia da esperança:** Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Paz e Terra.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

